

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

JOSEANE NUNES DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE O ESPAÇO EM *VIDAS SECAS* DE
GRACILIANO RAMOS**

JARDIM-MS

2011

JOSEANE NUNES DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE O ESPAÇO EM *VIDAS SECAS* DE
GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo

JARDIM-MS
2011

SILVA, Joseane Nunes da.

Um estudo sobre o espaço em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos/ Joseane Nunes da Silva. Jardim: UEMS, 2011.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Graciliano Ramos 2. Espaço Literário 3. Vidas Secas.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul permissão para reproduzir cópias desse trabalho de Conclusão de Curso somente para propósitos acadêmicos e científicos.

Joseane Nunes da Silva

JOSEANE NUNES DA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**UM ESTUDO SOBRE O ESPAÇO EM *VIDAS SECAS* DE
GRACILIANO RAMOS**

APROVADA EM: 16/11/2011

Orientador: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo

Prof.^o Dr.^o Fabio Dobashi Furuzato

Prof.^o Me. Rosicley Andradre Coimbra

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus pela benção alcançada.

A minha família, em especial aos meus pais, Neide e José, por incentivarem meus estudos e acreditarem em mim.

A minha irmã Jackeline por suas palavras de apoio e incentivo.

Ao meu esposo Edilson e ao meu filho Emanuel pela compreensão, dedicação e carinho.

Às minhas amigas Alyne, Cristiane, Solange e Maria Elza, que sempre me ajudaram fazendo com que eu não desistisse dos meus objetivos.

A professora Dr^a Susylene Dias de Araujo, pela orientação da pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma ou outra contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Emanuel, razão da minha vida...

Começamos oprimidos pela
sintaxe e acabamos às voltas
com a Delegacia de Ordem
Política e Social, mas, nos
estritos limites a que nos coagem
a gramática e a lei, ainda não
podemos mexer.

(Graciliano Ramos)

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade fazer uma análise do espaço no livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. O livro, escrito em 1938, chegou a sua 112ª edição em 2010, e continua sendo de grande importância para a Literatura Brasileira. Na divisão do trabalho a pesquisa apresenta-se em três capítulos: o primeiro, que trata da vida e da obra de Graciliano Ramos, contém uma breve contextualização histórica da obra em questão; o segundo aborda os estudos feitos sobre o espaço na literatura e através dessas considerações teóricas foi possível observar que em *Vidas Secas*, o espaço atua como elemento dominante na vida dos personagens, sendo capaz de transformar e moldar os que nele habitam. Já no terceiro capítulo, foi feita uma leitura analítica propriamente dita, tendo a obra como *corpus* selecionado. Ao final da pesquisa, pudemos concluir que para a literatura o espaço não é apenas visual, mas provoca sensações e emoções que conduzem a narrativa constituindo um artifício muito bem empregado por Graciliano Ramos.

Palavras chave: Graciliano Ramos; Espaço literário; Vidas Secas;

ABSTRACT

This study aims to analyze the space in the book of *Vidas Secas* by Graciliano Ramos. The book, written in 1938, reached its 112th issue in 2010, and remains of great importance for the Brazilian literature. In the research division of labor is presented in three chapters: the first dealing with the life and work of Graciliano Ramos, contains a brief historical background of the work in question, the second discusses the studies done on the space in the literature and through these theoretical considerations it was observed that in *Vidas Secas*, the space acts as a dominant element in the lives of the characters, being able to transform and shape that dwell therein. In the third chapter, was made an analytical reading itself, and the work as selected corpus. At the end of the study, we concluded that the space for literature is not only visual, but it causes sensations and emotions that lead to forming a narrative device employed by well Graciliano Ramos.

Keywords: Graciliano Ramos, literary space, *Vidas Secas*;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I.....	11
Graciliano Ramos: vida e obra.....	11
1.1 Contextualização História.....	13
1.3 Vidas Secas: A visão de Graciliano Ramos.....	15
CAPÍTULO II	18
O espaço na literatura.....	18
CAPÍTULO III	20
O espaço em Vidas Secas	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade fazer uma análise do espaço literário no livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. O livro, escrito em 1938, chegou a sua 112ª edição em 2010, e continua sendo de grande importância para a literatura brasileira. Esta obra, considerada um marco para a Literatura Brasileira, faz parte da segunda geração modernista, e representa os anos de 1930 das letras brasileiras, especificamente por tratar dos problemas do nordeste brasileiro e das condições de vida dos nordestinos.

O trabalho monográfico está dividido em três capítulos: O capítulo I apresentará um pouco da vida de Graciliano Ramos e de suas obras, procurando sempre destacar a importância do autor na literatura brasileira. Além disso, o primeiro capítulo tratará da contextualização da obra em questão, ou seja, reconhecerá o momento de publicação e início de circulação do texto. Para isso nos reportamos a alguns textos críticos e teóricos como Alfredo Bosi, Luciana Stegagno-Picchio e Álvaro Lins, que falam a respeito de Graciliano Ramos e da obra *Vidas Secas*.

No capítulo II, abordaremos de forma geral as considerações que envolvem o espaço na literatura, utilizando os conceitos de autores como Antonio Dimas (1976); Osman Lins (1976); Cândida Vilares Gancho (1997) e Massaud Moisés (1969), entre outros.

No capítulo III, como tema central deste trabalho, o espaço no livro *Vidas Secas* será analisado a partir de sua atuação nas atitudes e no pensamento dos personagens da obra e assim, esperamos mostrar que o espaço na obra analisada atua como elemento dominante na vida dos personagens, sendo capaz de transformar e moldar os que nele habitam, penetrando no pensamento e nos sentimentos dos personagens.

CAPITULO I

Graciliano Ramos: vida e obra

Começamos este trabalho com as palavras do próprio Graciliano, em uma entrevista concedida em 1948, para demonstrar sua visão a respeito das atribuições do escritor na tarefa de extrair o essencial:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham novamente, voltam a torcer, colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer. (Graciliano Ramos, em entrevista concedida em 1948, Jornal do nordeste)

Graciliano Ramos foi um escritor extremamente cuidadoso, quanto à forma de seus livros. Reescrevia os seus livros sem cessar, procurando retirar deles tudo aquilo que considerasse excesso.

Graciliano Ramos nasceu no dia 27 de outubro de 1922, na cidade de Quebrângulo, sertão de Alagoas. Era filho primogênito dos dezesseis que teriam tido seus pais, Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos. Viveu sua infância na cidade de Viçosa, Palmeira dos Índios (AL) e Buíque (PE), sob o regime das secas e das surras que lhe eram aplicadas por seu pai, o que fez alimentar desde cedo, a idéia de que todas as relações humanas são regidas pela violência. Em seu livro de memórias “*Infância*”, se referia assim a seus pais:

Nesse tempo meu pai e minha mãe estavam caracterizados: um homem sério, de testa larga, uma das mais belas que já vi dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda; uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, bossas na cabeça mal protegida por um cabelinho ralo, boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura. (RAMOS *apud* BOSI, 1994, p.404.)

Em 1927, Graciliano foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que ocupou por apenas dois anos. Logo após a mudança para Maceió fez com que fosse nomeado diretor da Imprensa oficial e diretor da Instrução pública do Estado. Esse tempo da vida do escritor marcou sua estréia na literatura com o romance *Caetés* (1933). Esse romance, que gira em torno de um caso de adultério ocorrido numa pequena cidade do interior nordestino, foi selado pela obra de escritores da vanguarda nordestina tais como Rachel de Queiróz, José Lins do Rego e Jorge Amado.

Em março de 1936, foi preso sob a suspeita de ligação com o Partido Comunista Brasileiro. Sendo humilhado dentro dos presídios por onde passou, mas sem provas formais dessa acusação, foi libertado em Janeiro do ano seguinte. Dessa fase triste de sua vida resultou sua obra *Memórias do Cárcere* (1953), um impressionante depoimento sobre a realidade brasileira em busca da democracia e sobre o sofrimento dos prisioneiros políticos militantes na época.

Em 1945, Graciliano filiou-se ao comunismo e viajou por vários países socialistas acumulando experiências relatadas no livro *Viagem* (1954). E por fim, em janeiro de 1953, foi internado na casa de saúde e maternidade S. Vitor, lugar onde veio a falecer vitimado pelo câncer.

Suas principais obras são:

- *Caetés* (1933);
- *São Bernardo* (1938);
- *Angústia* (1936);
- *Vidas Secas* (1938);
- *Brandão entre o mar e o amor* (1942) (Romance escrito em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Rachel de Queirós.)
- *Insônia* (1947);
- *Infância* (1945);
- *Memórias de Cárcere* (1953);
- *Viagem* (1954);
- *Linhas Tortas* (1962);
- *Viventes das Alagoas* (1962);

- *História de Alexandre (1944)*;
- *Dois Dedos (1945)*;
- *Histórias Incompletas (1946)*.
- *Cartas (1962)*
- *Alexandre e outros Heróis (1962)*

Em grande parte de sua obra, Graciliano Ramos procura focalizar os problemas do nordeste. Levando em conta a sua intensa preocupação com os problemas do povo brasileiro, os principais temas escolhidos pelo autor são: a seca do nordeste, o cangaço, a morte, o trágico, as injustiças sociais, o misticismo, os códigos de honra, a constante luta pela sobrevivência.

Sobre a produção de Graciliano Ramos, o crítico Alfredo Bosi afirma: “O realismo de Graciliano Ramos não é orgânico e nem espontâneo, é crítico.” (1994, p.402)

Um exemplo disso está em *Vidas Secas (1938)* obra na qual o autor mostra de maneira bem clara a amarga realidade do homem nordestino, descrevendo as paisagens e apresentando os problemas do nordeste brasileiro. Para isso o narrador busca penetrar nos pensamentos dos personagens, tentando nos mostrar através de um estilo seco, frio, impessoal a vida do nordestino.

1.1 Contextualização História

No Brasil, 1930 marca o fim da republica velha, do domínio das velhas oligarquias ligadas ao café e o início do longo período em que Vargas permaneceu no poder. A revolução de 30, que levou Getúlio Vargas a um governo provisório, contava com o apoio da burguesia industrial, dos setores médios e dos tenentes responsáveis pelas revoltas nas décadas de 1920. Assim, desenvolveu-se uma política de incentivo á industrialização e a entrada do capital norte-americano.

Getúlio Vargas inicia em 10 de novembro de 1937 sua ditadura. O chamado Estado Novo será um longo período antidemocrático, anticomunista, baseado num nacionalismo conservador e na idolatria de um único chefe Getúlio Vargas. Após um longo período de governo, em 1945 Getúlio sob pressão renuncia. Tudo isso, contribuiu para o

desenvolvimento de um romance caracterizado pela denúncia social, verdadeiro documento da realidade brasileira, elevando o seu grau de tensão nas relações entre o homem e a sociedade. Essa literatura está voltada para a realidade brasileira como forma de manifestar as crises sociais, as inquietações da implantação do Estado Novo do governo de Vargas e da Primeira Guerra Mundial.

Sendo assim, a prosa da segunda geração modernista brasileira especificamente dos anos 30, é iniciada com a publicação da obra *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, que buscou retratar em sua obra o nordeste, trazendo como tema a seca, os retirantes e o engenho. Assim, o regionalismo foi ganhando importância na literatura brasileira. Nessa época o país passava por grandes transformações, como por exemplo, a crise econômica provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a crise cafeeira, a revolução de 1930, e o acelerado declínio do nordeste, o que servia como contribuição para o surgimento de um novo estilo literário marcado pela rudeza, por uma linguagem mais brasileira e por um enfoque direto dos fatos.

Dessa forma, os romancistas dos anos 30, dentre eles Graciliano Ramos, caracterizam-se por adotar uma literatura de denúncia da realidade brasileira enfocando as relações entre o homem e a sociedade principalmente no que diz respeito ao regionalismo à medida em que ressalta o homem oprimido pelo meio em que vive e os problemas que este lhe impõe. Segundo João Luiz Lafetá (2000) ao abordar o tema da década de 1930, configurada na junção da Crítica e do Modernismo, esse foi um tempo de profundas mudanças na compreensão do objeto artístico que deixa de ser alvo de contemplação para torna-se passível de interpretação, e sobre essa realidade nacional, Lafetá comenta:

Nesse ponto encontramos, aliás, uma curiosa convergência entre projeto estético e ideológico: assumindo a modernidade dos procedimentos expressionais o Modernismo rompeu a linguagem bacharelesca, artificial e idealizante que espelhava, na literatura passadista de 1890-1920, a consciência ideológica da oligarquia rural instalada no poder, a gerir estruturas esclerosas que em breve, graças as transformações provocadas pela imigração, pelo surto industrial, pela urbanização (enfim, pelo desenvolvimento do país) iriam estalar e desaparecer em parte. Sensível ao processo de modernização e crescimento de nossos quadros culturais, O Modernismo destruiu as barreiras dessa linguagem “oficializada”, acrescentando-lhe a força ampliadora e libertadora do folclore e da literatura popular. Assim, as “componentes recalçadas” de nossa personalidade vêm a tona, rompendo o bloqueio imposto pela ideologia oficial; curiosamente, é a experimentação de linguagem, com suas exigências de novo léxico, novos torneios sintáticos, imagens surpreendentes, temas diferentes, que permite - e obriga - essa ruptura. (LAFETÁ, 2000, p. 22)

1.3 Vidas Secas: A visão de Graciliano Ramos

O livro *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos busca descrever de forma bem clara a vida do homem nordestino em sua luta constante pela sobrevivência em decorrência da seca, o que faz com que esse homem se transforme e queira buscar uma vida melhor para ele e sua família. Dessa forma, o narrador nos permite uma visão completa da paisagem nordestina, assim como também uma linguagem coloquial própria dos nordestinos, feita por meio de expressões e gestos guturais, sem muita comunicação verbal:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes (...). A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala (...). Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (RAMOS, 1998, p.9-19).

O livro é apresentado, estruturalmente, em 13 capítulos, independentes, os quais podem ser lidos em forma de contos. Luciana Stegagno-Picchio, (1997, P. 533) menciona em seu livro *História da Literatura Brasileira* que, no livro *Vidas Secas*, não existe diálogo entre os personagens, e que o narrador é onisciente e é ele apenas quem liga na narrativa os episódios isolados desse “romance desmontável”.

Com relação ao título da obra, podemos perceber que a seca se faz presente em todos os espaços, desde o ambiente da caatinga com sua vegetação seca, até no pensamento e na linguagem dos personagens que se comportam como animais. Álvaro Lins faz um comentário sobre o que representa o título da obra:

Um estado de razão, de lucidez, de sobriedade. O critério que preside sua obra [do autor] é um critério de inteligência; a sua potência é cerebral e abstrata. Não sei, por isso, que misteriosa intuição para se definir levou o Sr. Graciliano Ramos a escolher o título *Vidas Secas* para um de seus romances. Sem dúvida, todos os seus personagens são de fato “vidas secas”. Os seus personagens e este estilo em que se exprime o romancista. (LINS *apud* ANDRADE, 1977, p.144)

A história começa com uma família nordestina fugindo da seca do sertão. O primeiro capítulo “Mudança” trata da caracterização do lugar e dos seus personagens, que

pertencem a uma família humilde, quase sem comunicação entre si, repetindo certo comportamento semelhante ao dos animais.

(...) Arrastaram-se para lá, devagar Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (...). Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes (...). A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala (...). (RAMOS, 1998, p 09)

Fabiano era um vaqueiro, adorava o que fazia, porém, tinha bastante dificuldade em se expressar, pois para se comunicar com os outros utilizava exclamações, onomatopéias. O narrador no segundo capítulo descreve sua feição, comparando-se aos animais. Além disso, o próprio narrador menciona a linguagem que ele utilizava para se comunicar com os outros.

Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. (...) vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos (...) o corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco (...) os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a queentura da terra (...). E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia (...) (RAMOS, 1998, p.17-19)

Sinhá Vitória era uma pessoa que não se conformava com a situação em que vivia, sonhava com uma cama igual à de seu Tomás da Bolandeira. O menino mais novo sonhava em ser igual ao pai, pois ficava admirando-o enquanto trabalhava. Já o menino mais velho, gostava de descobrir o significado das palavras como "inferno", termo pronunciado pela senhora Terta. Contudo, o menino necessitava de um amigo com quem pudesse conversar, e como não havia, se conformava apenas com a presença da cachorra Baleia que para ele era como se fosse uma pessoa da família. A família depois de ter caminhado muito, chega a uma fazenda abandonada e ali acaba ficando. Quando o dono da fazenda retorna, resolve contratar Fabiano como seu vaqueiro.

Certo dia, Fabiano vai à feira da cidade para comprar mantimentos, e lá se depara com um soldado amarelo que o convida para jogar, após uma discussão com o soldado, este decide prendê-lo. Na cadeia, sem saber o motivo que o levou a ser preso, ele apanha, além de passar por várias humilhações. O que podemos perceber nesta situação, é o jogo de poder que os mais fortes exercem sobre os mais fracos. "(...) Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu uma acusação medonha e não se defendeu (...).

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas (...) (RAMOS, 1998, p. 30)

Sinhá Vitória desconfia que o patrão esteja roubando o marido na hora de receber o salário, pois ela sabia que o marido não sabia fazer contas. Fabiano não satisfeito e se sentindo prejudicado resolve conversar com o patrão, este o ameaça de mandá-lo embora da fazenda. Ele acaba por esquecer o assunto ficando muito indignado. O que podemos constatar é que o dono da fazenda representa na obra como uma pessoa autoritária, desonesta que além de roubar explorava seus funcionários.

Na volta para casa Fabiano se depara com o Soldado Amarelo que o havia prendido no meio do mato. O Vaqueiro pensa em matá-lo, mas logo desiste da idéia e acaba por ensinar-lhe o caminho.

Fabiano e sua família vão à festa de natal na cidade. Lá, se sentindo inferior às demais pessoas, Fabiano acaba bebendo para esquecer sua indignação com o mundo e com as pessoas. Após alguns dias, Baleia fica doente e Fabiano resolve sacrificá-la então podemos perceber o processo de humanização que a cachorra sofre, tanto que ela morre por que estava com suspeita de “hidrofobia”, uma doença que só afeta os humanos.

A seca atinge a fazenda e faz com que a família fuja novamente. Em direção ao Sul, a família parte em busca de uma vida melhor na cidade grande, onde os meninos pudessem estudar e ser diferente deles, apesar da falta de destino e de esperança de vida. Assim seguiam Fabiano, Sinhá Vitória e os dois filhos em busca de uma vida melhor, do sonho de poder ser alguém na vida, de conquistar algo para si mesmo.

CAPÍTULO II

O espaço na literatura

Neste capítulo nos reportamos ao estudo teórico do espaço na literatura. Para isso, utilizaremos os conceitos de autores como Antônio Dimas (1976); Cândida Vilares Gancho (1997); Osman Lins (1976); Ozíris Filho Borges (2008), entre outros.

Segundo Osman Lins (1976), o espaço constitui o elemento mais importante dentro de uma narrativa, levando-nos a aprofundar mais sobre esse assunto e assim destacar sua função, a sua importância e a reflexão de como esse espaço é apresentado pelo narrador. Além disso, o autor afirma que o espaço não é apenas visual, mas ele interfere no interior dos personagens provocando sensações, emoções e atitude nos mesmos. Osman Lins (1976) ainda menciona que existem narrativas em que o espaço é descrito de forma imprecisa e rarefeita, sendo assim o escritor tem como finalidade propiciar aos leitores meios que façam com que estes consigam ler nas “entrelinhas” da narrativa.

Lins (1976) destaca em seu livro *Lima Barreto e o espaço Romanesco* algumas obras em que o espaço se destaca: *Odisséia*, de Homero, na qual a transcendência do espaço é anunciada a partir da invocação. Na *Iliada*, também de Homero, luta-se pela conquista ou defesa de um espaço definido. Outro importante exemplo de obra que merece destaque especial é a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, fugindo do natural passando para o sobrenatural, abrangendo o inferno, purgatório e paraíso.

Por outro lado, Gancho (1997, p. 23) define o espaço como:

Lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, haverá menos variedades de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior afluência de espaços. (GANCHO, 1997, P.23)

As palavras de Gancho permitem concluir que o espaço é capaz de situar os personagens dentro da história, podendo influenciar nos sentimentos, pensamentos ou atitudes dos personagens. Além disso, a autora menciona que pode haver variedades de espaço dentro de uma narrativa e isso vai depender do número de acontecimentos dentro da história.

Para Lins (1976) o espaço, além de situar o personagem dentro da história, pode atuar como libertador de energias secretas, surpreendendo o próprio personagem. O que o teórico destaca é que o espaço, em certos casos, provoca uma ação, fazendo surgir forças ignoradas, que traz surpresas ao próprio personagem. Além disso, Lins sustenta a possibilidade de que o espaço pode influenciar na mudança e na transformação das pessoas. O teórico menciona ainda que uma das funções mais importantes do espaço é ser o caracterizador de personagens, podendo estar restrito a algum lugar (casa; quarto ou ser exterior), e a maneira de se dispor do lugar é que vai demonstrar a forma de ser do personagem. O espaço pode influenciar e determinar as ações dentro de uma narrativa. Podemos entender que o espaço no romance, tem sido algo que intencionalmente envolve o personagem.

Massaud Moisés (1969) menciona que o espaço no romance não-linear (o romântico, o realista ou o moderno), e o cenário funcionarão com um pano de fundo, ou seja, vão se instalar fora dos personagens.

Por outro lado, Borges (2008), menciona que o espaço é formado pelo cenário e pela natureza, e que isso leva-o a adquirir várias funções dentro da obra literária, tais como caracterizar os personagens, situando no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem (é possível prever as atitudes dos personagens apenas pela descrição do espaço que ele ocupa), influenciar os personagens, propiciar a ação (o personagem age de determinada maneira porque o espaço é favorável a essa ação), situar o personagem geograficamente, representar os sentimentos vividos pelos personagens e antecipar a narrativa.

Conforme Borges (2008), o espaço pode ser realista (quando este se assemelha à realidade cotidiana da vida real), imaginativo (quando os lugares citados na obra não existem no mundo real), fantasista (quando os espaços não possuem nenhuma semelhança com a realidade).

Termos conhecimento dos aspectos espaciais na literatura é de fundamental importância para compreender a análise do espaço no livro *Vidas Secas*, pois sabemos que o espaço atua como elemento dominante dentro da obra, principalmente na vida dos personagens. Sendo assim, passaremos para a análise do *corpus*, tomado como referência.

CAPÍTULO III

O espaço em *Vidas Secas*

Como foi destacado anteriormente, o sertão do nordeste é o espaço no qual se desenvolve a narrativa do livro *Vidas Secas* (1938). Neste capítulo buscaremos analisar este espaço na obra de Graciliano Ramos. A obra procura descrever a paisagem nordestina, pobre de vegetação e dar destaque para a linguagem coloquial, que é própria do povo que mora nessa região; os personagens que ali moram também são pobres em todos os aspectos incluindo sua relação com a linguagem.

Segundo Maussaud Moisés (1969, p.107), o espaço constitui o ingrediente mais importante do universo ficcional. Sendo assim, uma narrativa pode se passar no campo ou na cidade. Portanto, ao tratarmos de uma história urbana, o cenário poderá ser o interior de uma casa ou as ruas, ou seja, aquele construído pelo homem, mas se for regional ou sertanejo, o cenário será a própria natureza.

Por outro lado, Osman Lins (1976, p.65) menciona que o espaço não é apenas visual, pois ele está ligado ao interior dos personagens, tornando-se muito abrangente, e assim adentrando no espírito dos próprios personagens, provocando sensações, emoções e atitudes. Para Cândida Vilares Gancho (1997; p.23), o espaço será o lugar onde se desenrola a ação, lugar onde ocorrem os acontecimentos da história.

No primeiro capítulo “Mudança”, a chegada de Fabiano e sua família á fazenda abandonada faz com que o leitor tome conhecimento da situação do cenário. São particularidades que nos dão uma prévia de como o espaço atua na vida dos personagens. Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido. (RAMOS, 1998, p.12)

A paisagem funcionará como pano de fundo para os demais capítulos. Já que estamos tratando da representação da natureza na obra, é importante atentarmos para a caracterização do local antes de nos referirmos aos personagens.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam todos cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia

do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Faziam horas que procuravam uma sombra . A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. (RAMOS, 1998, p.9)

Apos essa descrição, tomamos conhecimento de uma paisagem dura e cruel que revela ao homem nordestino os desafios que terá que enfrentar nesse espaço castigado pela seca. Além disso, estas linhas revelam ao leitor as condições de vida que a seca causa aos nordestinos.

(...) a catinga estendia-se de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos (RAMOS, 1998, p.9-10)

Tendo o espaço como referência, vale considerar que os personagens irão se apresentar na obra tanto fisicamente como espiritualmente iguais ao ambiente em que habitam.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação pela criança irritava-o. (...) pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho (...). Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. (RAMOS, 1998, p.10)

Outro ponto a ser destacado na obra é em relação à maneira de viver. Ao atravessar os juazeiros, Fabiano e sua família avistam a fazenda abandonada, e a descrição desse espaço vem reforçar ao leitor a situação de miséria junto ao ambiente da seca, evidenciando a falta de comunicação que faz com que essas pessoas se transformem e se comportem como animais. Reforçamos essa afirmação com as palavras de Osman Lins (1976, p.65), quando menciona que o espaço pode mudar e transformar as pessoas. Podemos perceber isso no primeiro capítulo, no qual Fabiano com sede vai à procura de água, chegando ao bebedouro dos animais acha um pouco de lama, e ali começa a cavar a areia com as unhas até encontrar água. “Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito”. (RAMOS, 1998, p.14)

Contudo, Osman Lins (1976, p.100) ainda afirma que o espaço atua como libertador de energias secretas e que poderá surpreender o personagem. Sob este ponto de vista, podemos considerar na narrativa a passagem em que Fabiano ao cumprir sua função de vaqueiro caminha para casa, satisfeito. Já em casa, diz para si mesmo que ele é um

bicho. Isso para ele era motivo de orgulho, pois era um bicho capaz de vencer dificuldades. Podemos perceber um grande estado de ânimo no personagem que faz com que ele supere as dificuldades impostas pelo ambiente. (...) - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha- e ali estava forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha. (RAMOS, 1998, p.18)

Por outro lado, podemos destacar o espaço como um meio que exerce influência nos sentimentos dos personagens. Podemos perceber isso, na passagem em que Fabiano e sua família chegam à fazenda abandonada. Fabiano sai em busca de água e, deitado no chão olhando as estrelas, começa a imaginar a transformação do lugar, e que isso também mudaria sua vida, ele seria o vaqueiro daquela fazenda e faria ressuscitar tudo de novo, isso fez com que surgisse uma alegria irradiante que enchia o coração de Fabiano.

(...) cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo (...) e uma alegria irradiante enchia o coração de Fabiano (...). A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta (RAMOS, 1998, p.14,15).

No capítulo “Inverno”, a esperança na vida de Fabiano floresce com a chegada das chuvas e com ela vem o sonho de uma vida melhor, sem miséria, mais digna para ele e sua família.

Mas a trovoada roncara, viera à cheia, e agora as goteiras pingavam, o vento entrava pelos buracos das paredes. Fabiano estava contente e esfregava as mãos. (...) As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava- as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as arvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez Sinhá Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro (RAMOS, 1998, p.67)

Gancho (1997; p.23) menciona que há variedades de espaço dentro de uma narrativa. No capítulo *Festa* o narrador nos remete para outro ambiente: o espaço urbano. Em relação a este espaço, Fabiano e sua família sentem-se humilhados e inferiores às demais pessoas. Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso, desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se de carrancudos e evitava conversas. (RAMOS, 1998, p.76)

De acordo com Antônio Dimas (1976, p.69) o espaço numa narrativa vai influenciar e determinar as ações. Isso pode ser percebido nos últimos capítulos, nos quais a seca retorna de novo à fazenda, obrigando os moradores a irem embora, ou seja, o espaço

novamente torna-se inabitável; representava essa mudança os animais morrendo, as folhas secas das árvores caindo ao chão. A partir daí Fabiano e sua família vão para o Sul com a esperança de uma vida melhor e de um lugar no qual eles pudessem cultivar seu próprio pedaço de terra e que seus filhos pudessem estudar e ser diferentes deles.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa foi se esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se –iam depois para a cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (..) E andavam para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velinhos, acabando-se como uns cachorros inúteis, acabando-se como Baleia. (RAMOS, 1998, p.126)

Para finalizar o narrador deixa um alerta a respeito das conseqüências da seca do nordeste. “E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, com Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos.” (RAMOS, 1998, p.126).

O narrador deixa claro que é necessário que as autoridades tomem imediatamente providências em relação à seca do nordeste, para que os nordestinos não precisem fugir de sua terra natal para escapar da miséria, pois para enfrentar esse problema as pessoas que ali habitam precisam ser fortes e corajosos. Graciliano fez do seu romance um depoimento sobre a dramática realidade social da época, e a extrema miséria que escraviza os nordestinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, procuramos mostrar um pouco da vida e da obra de Graciliano Ramos em especial a obra *Vidas Secas*. Também foi destacado o espaço como elemento dominante na vida dos personagens, atuando de diversas formas na narrativa, funcionando como caracterizador, pois os personagens são mostrados na obra iguais ao ambiente em que habitam, transformador porque a situação do lugar somado a sua condição social faz com que eles se comportem como animais. Além disso, o espaço atua nos sentimentos e nas emoções, provocando certas atitudes nesses personagens, como por exemplo, a mudarem sua forma de viver na esperança de uma vida melhor, mais digna e mais feliz.

A obra *Vidas Secas* procura denunciar os problemas do nordeste brasileiro, daquele povo que sofre com a seca. Como foi mencionado por Álvaro Lins (1977) O próprio nome do livro nos leva a perceber sobre o que trata a história, ou seja, “Vidas Secas” pessoas sem esperança de vida, que não têm as mínimas condições necessárias de vida.

Podemos concluir que Graciliano Ramos não poupou em suas palavras ao descrever a vida do homem que mora no nordeste brasileiro, também não se preocupou em ser sutil, mas foi direto aos fatos apresentando em sua obra a vida do nordestino, o que as pessoas que ali habitam têm que enfrentar para sobreviver em meio à seca, que os castiga e faz com eles se transformem e conseqüentemente queiram mudar de vida.

Como escritor e intelectual atento ao seu próprio tempo, Graciliano confirma as observações de Antonio Candido ao dizer que o escritor, em seu papel de artista, *utiliza a obra, (...) como veículo de suas aspirações individuais mais profundas.* (CANDIDO, 2006, p. 35).

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 37^a ed. São Paulo:

Cultrix, 1994.

BORGES, Oziris filho. **Espaço e Literatura**: introdução á toponálise . XI congresso Internacional da ABRALIC **tessituras, Interações, convergências**. São Paulo USP, 13 a 17 de julho de 2008. In: WWW. Abralic. Org.br/ cong2008/anaisonline/.../ OZIRIS_FILHO. Pdf. Acesso em 14/07/2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. 3^a ed. São Paulo: Ática, 1987.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. 4^a ed. São Paulo: 1998.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: A crítica e o Modernismo**. São Paulo, Duas Cidades, Ediora 34, 2000.

LINS, Osman: **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo, Ática, 1976.

MASSAUD, Moisés. **A análise Literária**. São Paulo, Cultrix, 11 ed^a., 1969.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 74^a ed. Rio, São Paulo: Record, 1998.